

FRANÇOIS, Frédéric. Teorias e Práticas: Práticas do Oral.
Editora Pró-Fono, 1996, 235 páginas.

*Leda Verdiani Tfouni**

Um livro que fala sobre a linguagem da criança é sempre bem-vindo. Tratando-se, como este que estamos comentando aqui, da construção de narrativas infantis, seu valor aumenta muito. Isto porque pouco tem sido dito na literatura em Psicolinguística acerca da importância de que se reveste, para o desenvolvimento da criança como um todo, em particular para o processo de aquisição da linguagem, aprender a contar histórias. Com efeito, é através da narrativa que podemos falar, muitas vezes de forma disfarçada, de nossos medos, desejos, frustrações; que conseguimos “trazer de volta o passado” e fazer planos para o futuro, organizando, assim o tempo, lingüisticamente. Nas narrativas, a criança consegue ficcionalizar-se, colocando-se como personagem dentro do narrado, e, deste modo, aprende a ver-se como um ser da(na) linguagem, que funciona no plano do simbólico.

Neste sentido, o livro de Frédéric François intitulado *Teorias e Práticas: Práticas do Oral*, que acaba de ser publicado pela Editora Pró-Fono, com excelente tradução de Lélia Erbolato Melo, só pode ser recebido com júbilo, pelo esforço que faz para tentar descrever o processo de produção de narrativas por crianças francesas.

A edição do livro é primorosa. Seguindo o estilo de capa de *Os Sentidos da Paixão*, editado pela Funarte/Cia. das Letras em 1987 (vários autores), este *Práticas do Oral* chama a atenção inicialmente pela sua capa belíssima, na qual uma boca recortada em papel pardo destaca-se sobre o fundo vermelho da capa interna. O impacto é, ao mesmo tempo, prazeroso e instigante, visto que esta boca (mais propriamente, lábios)

(*) Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto.

está representada de forma um tanto estilizada, e, por isso, *não é interpretável ao primeiro olhar*. Este fato leva o(a) (provável) leitor(a) a *prestar atenção* na capa, tentando *compreendê-la*.

Neste sentido, a própria capa já anuncia o conteúdo do livro, pois é exatamente este o seu tema: tentar mostrar que as narrativas infantis só podem ser compreendidas (interpretadas) quando são olhadas enquanto tal, ou seja, como algo que causa estranheza inicialmente, mas que possui uma função própria, que é preciso descobrir.

Reconhecer que a análise de dados em Psicolinguística deve incluir um esforço interpretativo – visto que atua em um espaço particular, específico e polifônico, que é o da linguagem infantil – leva o autor a um trabalho intenso de fundamentação teórica. Como resultado, nos primeiros capítulos de seu livro, são revisitados vários autores e várias teorias que tratam da criança, quer do ponto de vista cognitivo, quer sob o enfoque afetivo. Assim é que, por exemplo, na explicitação da contribuição da Psicologia e da Psicanálise para seu trabalho, François comenta Piaget, Bruner, Vygotsky, Winnicott, Freud, M. Klein. O mesmo é feito com relação às teorias da narrativa: entre outros, Barthes, Labov, Bakhtin e Jauss são alvo da busca explicativa de François, dentro do seu objetivo de colocar para o(a) leitor(a) o seu ponto de vista pessoal sobre o assunto.

Que ponto de vista é esse? Em síntese, para ele, nas narrativas produzidas por crianças não se pode buscar elementos do domínio cognitivo da linguagem (como, por exemplo, fatores de “inteligibilidade”, tais como a coerência e a coesão). Ao contrário, o autor defende a posição de que é necessário que o pesquisador coloque-se em uma posição específica de interpretação que vá privilegiar as “transgressões” feitas pela criança com relação à estrutura canônica da narrativa, tendo como objetivo explicitar suas funções catárticas, lúdicas e dramáticas.

É assim que o “inesperado” – aquelas estruturas que “não vão junto”, mas que provocam o que o autor denomina “felicidade textual” (alusão não explicitada a Austin) – é eleito como dado principal a ser analisado.

Deste modo, perfila-se, por um lado, à chamada *análise indiciária*, que considera o fato lingüístico enquanto mera pista do funcionamento discursivo do sujeito; por outro, parece aceitar a posição teórica adotada na Psicolingüística interacionista, para a qual a linguagem infantil é considerada como um sistema particular que não pode ser comparado à linguagem adulta para ser descrito/entendido, sem que se corra o risco de adotar uma visão do “déficit”, a qual implicaria considerar a linguagem da criança como imperfeita e falha.

Para François, (p. 200) “...a capacidade de mobilizar elementos dramáticos” é mais importante nas narrativas infantis do que “...a capacidade de explicar exatamente quem faz o quê, em qual ordem e por quê.” Aí está, sintetizada, a essência da proposta deste livro: muito mais importante do que procurar nas narrativas infantis uma estrutura equivalente à narrativa adulta, e/ou usos convencionais da língua, é detectar nelas os movimentos livres que as crianças executam dentro do espaço discursivo. A isso o autor denomina “competência narrativa”, e coloca que, para que esta se desenvolva e seja exercida, é imprescindível a “tutela” (termo que deve ser entendido como o equivalente do conceito vygotskiano de “escora”, “andaime”) do adulto.

A introdução do papel do adulto traz a produção das narrativas para o plano da dialogia, da construção conjunta, logo, para o social. Aí está mais um grande mérito deste livro, que é o seguinte: o autor não vê na atividade de contar histórias uma mera repetição de narrativas já prontas, ensinadas previamente à criança; também não explica sua função como sendo apenas de divertir ou fazer rir. Antes, esse espaço discursivo é visto como um lugar no qual a criança pode, com a ajuda do adulto, lidar com seus sentimentos, mesmo os mais assustadores, reelaborar suas experiências, através da ficcionalização de si mesma enquanto personagem, transgredir regras de bom comportamento, e, sobretudo, para o autor esta criança é representada como alguém que sabe que nesta aventura conta com a cumplicidade e a necessária censura do adulto (em geral, da mãe)

A fim de evitar a falsa interpretação, pelo(a) leitor(a), de que o adulto tem toda a responsabilidade (para o “bem” e para o “mal”) sobre o desenvolvimento da capacidade narrativa da criança, François apoia-se no conceito de *polifonia*, que, para ele, é intrínseco à estrutura da narrativa, ao mesmo tempo em que enfatiza a *heterogeneidade*, tanto da construção, pela criança, quanto da leitura/interpretação feita pelo adulto

Assim, o múltiplo, o diverso, o inesperado, a inserção da experiência estética e a função catártica são os elementos eleitos e enfatizados por Frédéric François neste livro estimulante que, ele próprio, constitui-se em uma narrativa cuja leitura é uma fonte de prazer.